

LF  
320.08  
M527  
RSE

ARNON DE MELLO  
Senador da República

RESPOSTA  
AO SENADOR  
EDWARD  
KENNEDY

Serviços Gráficos GAZETA DE ALAGOAS  
Maceió — Alagoas



**ARNON DE MELLO**  
Senador da República

**RESPOSTA  
AO SENADOR  
EDWARD  
KENNEDY**

Serviços Gráficos GAZETA DE ALAGOAS  
Maceió — Alagoas

**DISCURSOS DO SENADOR ARNON DE MELLO NO SENADO FEDERAL  
JÁ PUBLICADOS**

**Energia Nuclear**

**Desenvolvimento Científico e Tecnológico**

**Pesquisa**

**Emigração de Cientistas**

**Ciência e Democracia**

**Cientistas-Meninos**

**América Latina: Educação e Desenvolvimento**

**Inquérito Parlamentar Sobre o "Brain Drain"**

**Problemas de Educação**

**Perfis**

**Responsabilidade do Legislador**

**Vereadores**

**Pelé no Senado**

**Legislação Social e Desenvolvimento (1930,1964)**

**Alagoas, Petróleo e Petrobrás**

Para correspondência e pedidos:  
Rua México, 168 — 10.<sup>o</sup> — Salas 1001/05  
Rio de Janeiro

Senhor Presidente (\*)

Ouvimos aqui, sexta-feira passada, a palavra inflamada do nobre Senador Mem de Sá, em resposta ao ilustre Senador Edward Kennedy, que em conferência pronunciada na Universidade de Montana, nos Estados Unidos, veiculou informações falsas sôbre violências policiais que se teriam praticado no Brasil, onde, segundo êle, "o Governo admitiu que o Serviço de Proteção ao Índio estava assassinando índios sistemáticamente, numa tentativa de abrir a fronteira amazônica à colonização". Quis na ocasião apartear-lo para, rendendo-lhe as homenagens do meu velho aprêço, dizer alguma coisa à margem do seu brilhante pronunciamento. Não me animei, entretanto, a fazê-lo, dados o interêsse e a atenção que, como sempre, S. Exa. provoca neste Plenário, pela sua autoridade pessoal e política e pela importância do que diz.

Falo, por isso, esta tarde, ainda a tempo de aplaudir e solidarizar-me com o justo protesto, todo cheio do candente temperamento do eminente homem público do Rio Grande do Sul, para quem o revide há de superar sempre, em emoção e palavras, a ofensa recebida.

### SURPREENDENTE

E', de fato, surpreendente a atitude do jovem político norte-americano, tão carregado de responsabilidades e ambições. Temos de debitá-la à imaturidade, que não lhe assegura o autocontrôle para submeter-se aos deveres de comedido da sua alta posição nem à disciplina do processo necessário à conquista do objetivo que tem em vista, mas também havemos de debitá-la à incompreensão — no que diz respeito ao Brasil quase generalizada no meio americano —, a qual lhe tira a visão real das coisas, e se fortalece da extrema complexidade de nossas relações com a América do Norte. Não me permito enumerar neste ensejo causas e circunstâncias em que se alicerça tal complexidade porém a verdade é que, ao longo dos anos e nos dias presentes, fatores diversos a aprofundam e a am-

---

(\*) Discurso pronunciado pelo Senador Arnon de Mello na sessão do Senado Federal, de 27 de abril de 1970, em Brasília.

pliam, entre eles a situação mesma de superpotência dos Estados Unidos, em progresso galopante, que alarga dia a dia o "gap" que nos separa. Basta referir que a grande Nação do Norte despende em um ano, somente com pesquisas — fundamento do desenvolvimento —, trinta bilhões de dólares, o que representa aproximadamente três vezes o valor do nosso Produto Nacional Bruto. Fatores negativos e positivos contribuem para aquela complexidade, gerando problemas cruciais para os Estados Unidos, como a discriminação racial, e para o Brasil, País em desenvolvimento, cujos problemas internos são graves mas bem diferentes dos deles.

Como, por exemplo, compreender o americano a nossa miscigenação, a doçura com que aqui se processa a convivência entre pretos e brancos? E como compreendermos nós a situação do negro nos Estados Unidos, vilipendiado, marginalizado, humilhado e ofendido de todos os modos?

## CONSTITUIÇÃO AMERICANA

Senhor Presidente

A Constituição Americana, que, há mais de um século, reconhecia a prioridade do direito de propriedade, permitiu àquele tempo que o proprietário de um restaurante, por exemplo, pudesse impedir que nêles entrassem homens de côr. Agora, porém, considerando de outro modo o assunto, em têrmos de liberdade, a mesma Constituição aboliu a mesma proibição. E a realidade americana, que já era difícil em tal setor, agravou-se com a concessão dos direitos civis aos descendentes de africanos.

Embora se modifique a interpretação dos textos legais e se faça nova legislação, as resistências se mantêm e a reação cresce de tom. Da última vez que estive em Nova Iorque, em 1968, visitei um bairro cheio de edifícios recém-construídos pelo plano habitacional do Governo do Estado. Interrogado por mim, informou-me o administrador de um dos edifícios que os primeiros contratos de locação haviam sido feitos com famílias de brancos. Alugados quase todos os apartamentos, aceitou êle, para os dois últimos, proposta de locação de dois casais de pretos. No dia seguinte, os casais de brancos começaram a rescindir os contratos, e todos deixaram o edifício.

Evidentemente, é impossível a nós entender tal coisa, e nesse campo não há diálogo entre brasileiros e americanos. A violência com que agem êstes em relação aos homens de côr — violência física, psicológica e moral — não se harmoniza com a nossa posição social e étnica.

## IMATURIDADE

Em manifestação de imaturidade inadequada a um Senador e candidato à Presidência da República, acusa-nos o eminente Senador Edward Kennedy de violências policiais, como as citou o nobre Senador Mem de Sá. Mas, admitindo, para argumentar, essas violências — que, se existissem, mereceriam, de todo, a nossa condenação —, cumpre frisar teriam sido elas praticadas na defesa da ordem social, que aqui se quer destruir pela ação terrorista, da qual o próprio Embaixador americano no Brasil já foi vítima. Sem apoiar a violência, diria eu ao mais jovem dos irmãos Kennedys que, nos Estados Unidos, o negro é tratado com a mais cruel violência sem que represente êle qualquer ameaça à ordem social americana. Ao contrário, o negro deu contribuição relevante à cultura dos Estados Unidos, deu o seu sangue para defender a Pátria, e colabora no desenvolvimento do País. A observação é do Conde de Keyserling, alemão e aristocrata, na sua "Psychanálise da América". Depois de lembrar que os negros dominam os americanos através do "jazz" e dos "blues", que são de origem africana, afirma: "Não há nada de paradoxal de minha parte em prever que as grandes realizações culturais da América poderão muito bem ser devidas a seus filhos de raça negra".

## INFLUÊNCIA DO NEGRO

E C. G. Jung, citado pelo mesmo Conde de Keyserling, destaca:

"O primeiro fato que me atraiu a atenção entre os americanos foi a influência do negro, influência evidentemente psicológica, independente de toda mistura de sangue. A expressão das emoções no americano, e, acima de tudo, o seu riso, o inimitável riso rooseveltiano se encontra sob sua forma primitiva nos negros americanos. Esse andar particularmente desarticulado, esse balancear de quadris, que se nota tão frequentemente entre as americanas, são de origem negra. A música americana tira sua inspiração principal do negro; a dança é a dança negra; as expressões das emoções religiosas, as missões ("revival meetings") sofrem fortemente a influência negra; e a célebre ingenuidade do americano, tanto sob suas formas encantadoras como as menos agradáveis, podem ser facilmente comparadas à infantilidade do negro. O temperamento extraordinariamente vivo do americano da classe média, que se mostra não somente nas partidas de futebol, mas sobretudo numa paixão estupefaciente para a verbosidade, não pode atribuir-se muito a uma ori-

gem germânica: parece-se bem mais com os moinhos de palavras da comunidade negra. A ausência quase total de intimidade e a incômoda sociabilidade coletiva dos americanos lembram a vida primitiva das palhoças abertas e a identificação completa do indivíduo com todos os seus ascendentes. Tive a impressão de que em tôdas as casas americanas as portas ficam sempre abertas. Os jardins não têm cêrcas, exatamente o mesmo que ocorre nas aglomerações rurais americanas. Tudo parece pertencer à rua."

### MAIS ADIANTADOS

Não amamos a violência, e por isso vemos com profundo pesar a discriminação racial nos Estados Unidos, que quase se iguala à existente na África do Sul, embora constitua o negro, como se vê, elemento enriquecedor da cultura ianque. Tal discriminação é, entretanto, condenada pelo Ato Constitutivo da UNESCO (art. 1º); pela Carta das Nações Unidas (arts. 1º, § 3º, e 55); pela Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948 (Arts. 1º e 2º); pela Declaração das Nações Unidas sôbre a eliminação de tôdas as formas de discriminação racial (1963-1965); pela Convenção e Recomendação da UNESCO concernente à luta contra a discriminação no domínio do ensino (1960); pela Declaração da UNESCO sôbre os princípios de Cooperação Cultural Internacional (4 de novembro de 1966). E ainda pelas Proposições sôbre os aspectos biológicos da questão racial, adotadas em Moscou, em 1964, sob os auspícios da UNESCO, nas quais se lê:

"Os povos da terra parecem dispor, hoje, de potencialidades biológicas iguais para ascender a não importa que nível da civilização. As diferenças entre as realizações dos diversos povos parecem dever se explicar inteiramente pela sua história cultural... O domínio das potencialidades hereditárias, no que concerne à inteligência global e às capacidades de desenvolvimento cultural, não mais que a dos caracteres físicos, não permite justificar o conceito das raças "superiores" e "inferiores"."

Somos a êste respeito muito mais adiantados, porque aqui integramos as três raças que contribuíram para a nossa formação e construimos nos trópicos uma civilização original, lastreada por autêntica democracia étnica.

### VIOLÊNCIA E PERSUASÃO

Não se nega que haja violência em qualquer parte do mundo, e desde que o mundo é mundo, evidentemente. E quem quer que tenha exercido o Poder Executivo sabe como é impossível evitar ex-



cessos de fôrça, que todos condenamos com a maior veemência. Mas convenhamos em que nenhuma Polícia deixará de cometê-los à revelia do Chefe do Govêrno. Já o homem que se dispõe a exercer função policial é geralmente motivado pelo seu componente de agressividade. E cumpre considerar que a função exige vocação de luta e capacidade de revide para a defesa da ordem pública que, quando ferida, não requer de quem a guarda a passividade ou a omissão, mas a ação pronta e direta. Friso tais aspectos não para justificar e sim para esclarecer, tanto não me concilio com qualquer espécie de violência.

Embora vivamos numa época que lhe é propícia, fazendo-nos lembrar os tempos de maior crueldade da história da humanidade, tenho que continuam válidas as palavras de Tolstoi no "Guerra e Paz"; "a verdade deve se impor sem violência." E é certo que, hoje como sempre, jamais alcançou ela a eficácia da persuasão na luta das idéias, mesmo quando atinja e elimine os maiores líderes, como os apóstolos da não-violência, aquêles que, servidos pela fé e pelo idealismo, não recorrem à fôrça e acreditam no poder da palavra. Não vamos à história antiga nem à história sagrada, ao sacrifício do Cristo. O exemplo tem dois anos. "Ein, Dr. King, êles pensam que nos derrotaram!" — é a legenda de uma caricatura publicada em jornal europeu, na qual aparece o Mahatma Gandhi, sentado no chão, falando e olhando, risonho, para Martin Luther King, que acabava de ser assassinado nos Estados Unidos, como êle há anos, na Índia, e nem por isso a Índia deixou de realizar a sua independência. Bem poderíamos repetir aqui as palavras de Harnack, citadas por George Sorel no seu "Refléxions sur la violence": "Pode-se, apesar do pequeno número de mártires, estimar no seu justo valor a coragem que se fazia necessária para tornar-se cristão e viver como cristão. Deve-se antes de tudo louvar a convicção do mártir, que uma palavra ou um gesto podia fazer indene e que preferia a morte à impunidade".

## VIOLÊNCIA NOS ESTADOS UNIDOS

A história do Brasil não se marca por acontecimentos de violência. Ao contrário, até se faz motivo de frases de humor o jeito brasileiro de arrumar pacificamente as coisas, reduzindo diferenças, neutralizando divergências, criando ambiente para exercitar a nossa capacidade de compor e conciliar, que herdamos dos portugueses e praticamos no correr dos tempos. Mas, já no que diz respeito à América do Norte, a violência é uma constante na vida da Nação, desde os seus primórdios. "Cumpre reconhecer — resalta Arthur Schlesinger Jr., antigo assessor especial do Presidente John Ken-

nedy — que o impulso destruidor está em nossa História e em nossas instituições. Começamos, afinal, como um povo que matou homens vermelhos e escravizou homens prêtos”.

E Lincoln, no Liceu dos Jovens de Springfield, no Illinois, afirmava, já em janeiro de 1838, que a violência interna era maior perigo para os Estados Unidos que a invasão externa. Como se se tratasse do cumprimento de uma predição maldita, anos depois a violência combatida por êle ainda jovem, era contra êle, então na Presidência da República, maciçamente utilizada, e por êle mesmo a contragosto empregada na defesa da Nação. Lincoln venceu, com a violência, a violência coletiva dos senhores de escravos, mas tombou, vítima da violência individual de um fanático, quando já cuidava de reconstruir a América sôbre os destroços da guerra civil.

### LEI DE LYNCH E KU-KLUX-KLAN

A lei de Lynch, segundo a qual o acusado é morto depois de torturado e esquartejado, sem processo e sem atenção às leis e Tribunais de Justiça, nasceu nos Estados Unidos, em meados do século XVIII, durante a revolução americana, por iniciativa de Carlos Lynch, fazendeiro e patriota da Virgínia. Aplicada desde logo, foram sem conta as suas vítimas. E, mais tarde, no decorrer da guerra de secessão, o linchamento era empregado inapelavelmente, com a maior naturalidade, contra escravos refratários e mesmo contra pessoas acusadas de prejudicar a escravidão.

Depois da guerra civil, então, várias organizações secretas aparecidas nos Estados Unidos a utilizaram para destruir os negros, entre elas a Ku-Klux-Klan, fundada em 1866, em Pulaski, no Tennessee, e a Ordem da Camélia Branca. A Ku-Klux-Klan, renovada em 1915, como organização “inspirada na supremacia da raça branca”, permanece viva, e em 1964 ressurgiu para lutar contra a concessão aos negros dos direitos civis. A sua história é pontilhada das mais inomináveis violências.

O linchamento ainda existe nos Estados Unidos, continuando a execução sem processo de indivíduos suspeitos ou acusados de ofensa aos costumes. E’ êle semelhante aos “progroms” na Rússia e Polônia e ao tratamento que na Alemanha de Hitler recebiam os judeus.

Durante a guerra de 1914, o Presidente Wilson clamou contra a monstruosidade:

“Houve muitos linchamentos e cada um dêles constituiu uma ferida no coração da lei, da ordem e da justiça humana. Nenhum homem que ame a América, nenhum homem que realmente se preo-

cupe com a sua reputação e honra, que seja leal às instituições, pode justificar esta ação, mormente quando as Côrtes de Justiça estão abertas. Lamento dizer que cada americano que tome parte na ação da multidão ou que em qualquer forma a apóie não é um verdadeiro cidadão desta grande democracia, mas um traidor”.

Frise-se que, apesar das palavras de Wilson, a lei de Lynch, que nunca foi escrita, permanece tranquilamente em vigor. P. de Rousiers anota em seu livro “A Vida Americana, Ranchos, Fazendas e Usinas”, do comêço dêste século:

“Eu sei que a lei de Lynch é geralmente considerada em França como um sintoma de barbaria. Mas se a gente honesta da Europa pensa assim, a gente honesta da América pensa de outra forma.”

### ASSASSINATOS POLÍTICOS

Os fatos evidenciam que a violência, de que nos acusa o Senador Edward Kennedy, e de tal forma que parece mesmo pedir para nós o castigo dos céus, é marca ofuscante na história do seu país, e em termos bárbaros. Vê S. Exa. o argueiro nos olhos do vizinho, desaperebido das traves que estão nos seus. Somos, positivamente, nesse campo, extremamente modestos sobretudo em comparação com a grande Nação do Norte, onde a violência coletiva e individual correm parselhas.

Hoje como ontem, a violência não é ali apenas de massa, que explode agora através dos pretos ou dos estudantes e visa a reformar estruturas injustas. A violência é na América do Norte sobretudo individual, aquela que nasce premeditadamente para manter estruturas superadas e penalizar e liquidar os que empunham a bandeira da reforma social e da promoção do bem comum.

Não temos, entre nós, o assassinato como solução política para os problemas da vida pública. Mas a história nos Estados Unidos registra oito atentados contra a vida de Presidente da República no decorrer dos últimos 135 anos, a partir de 1835, quando se verificou o primeiro. Lincoln, Garfield, Mc Kinley e Kennedy foram mortos: Jackson, Theodore Roosevelt, Franklin D. Roosevelt e Harry Truman salvaram-se. E ainda ontem escapava também de um atentado o atual Presidente Nixon.

Na mais adiantada nação do mundo ocorre o que em nenhuma outra nação civilizada já se verificou: 10% dos seus quarenta Presidentes da República foram assassinados; e mais de 10% foram vítimas de atentados frustrados.

## APÓSTOLOS DA NÃO-VIOLÊNCIA

Ainda nestes dois últimos anos vimos, na América do Norte, abatidos por defenderem ideais de fraternidade e justiça social, um Senador da República, Robert Kennedy, candidato que se esperava vitorioso à Presidência da República; e um pastor, Martin Luther King, o Messias negro da luta contra a discriminação racial, a pobreza e a guerra. E todos — Presidentes, Senadores e Pastor — assassinados não por inimigos pessoais mas por desconhecidos, executores de uma decisão anônima.

“Concluo dêste ato — disse o Presidente Lindon Johnson no dia em que foi assassinado o Senador Robert Kennedy —, que nosso país está doente, perdeu seu equilíbrio, perdeu seu senso de direção, mesmo sua decência comum.”

Nessa mesma ocasião Lord Harlech, Embaixador da Inglaterra em Washington e grande amigo dos americanos, não se conteve: “A violência nos Estados Unidos tornou-se um escândalo mundial.”

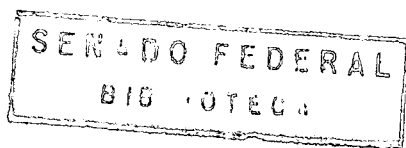
Assim, nos Estados Unidos, o problema político é convertido em problema militar, os problemas de ajustamento na vida pública transformados em problemas de força, como salienta ilustre escritor norte-americano.

## TERRÍVEL REALIDADE

E' terrível mesmo a realidade americana no campo da violência, que aumenta dia a dia. Vejam-se os números oficiais, divulgados pelo Bureau Federal de Investigações dos Estados Unidos. Entre 1966 e 1967, houve um aumento de 16% de crimes de violência, entre êles 11% de morte. No primeiro semestre de 1968, o número de prisões por crimes de morte aumentou em 40,2% em relação ao primeiro semestre de 1967, e mais do dôbro, em igual periodo, foram as prisões por porte de armas perigosas.

Aumentaram também, ao mesmo tempo, as violências de massa em numerosas cidades dos Estados Unidos. Entre 1º. de janeiro e 15 de julho de 1968 nada menos de 221 grandes manifestações de protesto se verificaram em Colégios e Universidades americanos, conforme estatística da Associação Nacional de Estudantes.

Entre 1964 e 1967, aumentaram em 77% os assassinatos por arma de fogo. Não se pode dizer que isso decorra das tensões da sociedade industrial, porque a Inglaterra, o Japão e a Alemanha Ocidental, países altamente industrializados, não apresentam tal quadro. Com uma população global de 214 milhões de habitantes, êsses três países registraram em um ano 135 assassinatos a bala. Enquanto isso, nos Estados Unidos, com 200 milhões de habitantes,



houve 6.500 assassinatos, quarenta e oito vêzes mais, portanto, que na Inglaterra, Japão e Alemanha Ocidental conjuntamente. Só em Filadélfia, com 2 milhões de habitantes apenas, registra-se em um ano o mesmo número de homicídios que na Inglaterra, Escócia e País de Gales juntos, e cuja população global é de 45 milhões de habitantes. Enquanto a média de homicídios por arma de fogo é na América de 3,5 por 100 mil habitantes, a média no Japão é de 04; na Inglaterra de 05; e no Canadá, de 52.

## ARMAS DE FOGO

Considerando que o Senador Edward Kennedy muito se sensibilizou com as informações inverídicas que recebeu sobre violências policiais aqui praticadas — tal o horror que manifesta as ações de força —, poder-se-ia imaginar que providências inteligentes e eficazes foram tomadas pelas autoridades americanas para impedir o crime nos Estados Unidos. Entretanto, as leis sobre a venda de armas de fogo são estaduais e continuam as mesmas. De acordo com a Divisão Criminal do Departamento de Justiça, nada menos de 4.585.000 armas de fogo foram vendidas em 1967 a cidadãos americanos, dos quais dizem as estatísticas que 42.500.000 têm sua arma individual, ou seja, mais de um quinto da população da América do Norte. Calcula-se que de 50 a 200 milhões de armas de fogo estão em poder de habitantes do país. E é total a facilidade para adquiri-las. Lembremo-nos que a arma com que Lee Oswald matou o Presidente John Kennedy foi comprada por correspondência.

Repito que me sirvo de dados do escritor Arthur Schlesinger, de quem recolho esta frase do Major General Francis P. Kane: “Os cidadãos de Chicago têm provavelmente mais equipamentos em suas mãos do que o total da Fôrça Ativa do Exército dos Estados Unidos.”

## HOMICIDIO E SEXO

Por outro lado, as revistas e os livros e os programas de televisão nos Estados Unidos tomam por tema principal os assassinatos, as violências mais desenfreadas, que naturalmente exercem perigosa influência sobre a juventude e a infância. Faz-se ali censura sobre a divulgação do sexo mas não do crime. “Nós estamos em face, na nossa cultura, de uma intransponível contradição” — diz o escritor americano Gershon Legman, em seu ensaio “Love and Death”, publicado em 1949. “O sexo, que é legal como fato, é um crime no papel, enquanto o homicídio — um crime no fato — é sobre o papel o “best seller” de todos os tempos... Homicídio é um

crime. Descrever o homicídio, não é, Sexo não é um crime. Descrever o sexo, é. Por quê?"

Verdadeiras que fôssem as informações falsas veiculadas pelo ilustre Senador Edward Kennedy sobre violências policiais, seriam condenadas por nós. Mas nos Estados Unidos não se trata de violências simplesmente, porque o que desde logo lá se faz é eliminar o líder incômodo, mantendo-se permanentemente o mesmo clima psicológico de propaganda do crime nos veículos de divulgação de massa.

E, no campo da violência policial, há polícia mais violenta que a dos Estados Unidos? Vá por exemplo alguém romper ali um cordão de isolamento em praça pública, num dia de festividade. O castigo não se fará esperar. Bate-lhe o policial com o cassetete, sem qualquer contemplação.

### DEMOCRACIA RACIAL

Refiro tais fatos não por desprimor aos Estados Unidos, de que me confesso grande admirador. Como Oliveira Lima, eu diria que "olho para os Estados Unidos com olhos de brasileiro, a saber, constantemente buscando o que de aproveitável para nós poderia a meu ver resultar do exame de confrontação. Acho que poderia resultar imenso".

Refiro tais fatos para lamentar a atitude do Senador Edward Kennedy em relação ao Brasil e para lembrar-lhe que é necessário fazer autocrítica.

Temos as nossas fraquezas, e qual a Nação que não as tem, mesmo a mais poderosa, como a América do Norte? O próprio Senador Kennedy as proclama, aliás, e é pena que não se motive também para a compreensão das realidades alheias.

Não desconheço que o Senador Edward Kennedy, vítima no próprio sangue de violência inominável, pois perdeu, assassinados, dois irmãos, um na Presidência da República e outro candidato a ela, — não pode estimar a violência, mas a verdade é que usou a violência da linguagem para, na base de informações falsas, agredir um país amigo, que nunca faltou ao seu país e que constrói nos trópicos uma civilização original, na base da democracia racial e da fraternidade humanista. Aqui não se indaga da cor da pele para alguém poder alcançar as mais elevadas posições nem o próximo é menos irmão por não ser ariano. Não é isso motivo para merecer o respeito de um homem público da América do Norte, amargurada pelo problema racial?

Certo que não vivemos no momento em plena normalidade constitucional. Mas é certo também que o Governo Revolucionário

se empenha em restaurá-la, no sentido do pleno Estado de Direito, ao mesmo tempo que desenvolve o Brasil para dar alicerce econômico à nossa democracia, que nós queremos também social.

## PROBLEMAS AMERICANOS

Senhor Presidente

O Senador Edward Kennedy, cujo nome de família é uma legenda na vida pública americana, bem sabe que em seu país os problemas são graves demais e merecem e exigem suas melhores atenções, mais mesmo que os nossos.

O Embaixador George F. Kenan, que fez o prefácio de seu livro "Decisions for a Decade", não hesita em citá-los aí:

"Os Estados Unidos são um país em profunda inquietação. Tôda uma série de facêtas de nossa vida interna e nossa posição perante o mundo tornam isso evidente. Na frente interna há coisas tais como a ostensiva alienação e desmoralização de grande parte da população, constituída pela raça negra e pela juventude estudantil; a incapacidade do sistema político de controlar a inflação; a constante deterioração de nossas grandes cidades; o caos nos transportes; o incremento rápido e continuado da criminalidade; a poluição ou destruição constante do ambiente natural. Na cena exterior, apenas para mencionar alguns dos problemas, há — mesmo além do envolvimento do Vietnam — o crescimento geral do anti-americanismo; nossa situação deteriorante nas divisas exteriores; a crise da OTAN; o conflito extremamente perigoso e latente no Oriente Próximo, para não mencionar os problemas da Grécia e de Chipre; a xenofobia grotesca e histérica da China; e acima de tudo a ameaça que encerra a facilidade continuada de se poder dispor de armas nucleares."

## PROGRESSO

Senhores Senadores

Temos nós por cá também os nossos problemas, e queremos cumprir o dever de cuidar deles. Nós mesmos saberemos defender os princípios e ideais que informam o nosso passado e estão bem vivos no nosso presente. A maturidade democrática desta Nação se

exprime pela forma pacífica com que resolvemos nossas questões políticas, jamais recorrendo ao crime para afastar adversários do Poder. Nós já estamos, é evidente, em idade de podermos prescindir de curadores, por mais ilustres, embora sejamos reconhecidos a quantos nos queiram ajudar.

Necessitamos, por certo, do apoio do mundo e especialmente dos americanos, que retribuimos dentro de nossas possibilidades. Vale, entretanto, destacar que nossa luta é pelo progresso, e o subdesenvolvimento é hoje problema não só das nações atrasadas — que o sofrem diretamente — mas das mais adiantadas — que indiretamente são por ele atingidas. Quanto não gastam os Estados Unidos com a guerra do Vietnam e quanto não têm gasto depois do rompimento de Cuba com o sistema americano?

Há de convir o nobre Senador Edward Kennedy que as violências que aponta no Brasil, valendo-se de informações inverídicas, são muito pouco diante do que há no seu país. E note-se que o que aqui citei a respeito da realidade americana — ao contrário do Senador Kennedy no que se refere do Brasil — não é de fonte suspeita e sim a mais insuspeita: os números são oficiais e as palavras são das mais altas personalidades da vida pública dos Estados Unidos.

Tem, afinal, o nobre Senador Kennedy autoridade para condenar-nos, por violência, se é S. Exa. representante do povo americano e filho de uma nação angustiada desde as suas nascentes pela violência mais incrível?

Eu gostaria de concluir lembrando as palavras do Presidente John Kennedy em sua mensagem à Nação americana em 14 de janeiro de 1963:

“Nós não aspiramos a uma vitória de uma Nação ou de um sistema, mas, sim, a uma vitória mundial do homem sensato.”

Recordando estas palavras, convocamos o nobre Senador Edward Kennedy a considerar os nossos esforços no sentido do progresso, com que contribuiremos também para a tranquilidade do seu país.





LF  
320.08  
M527  
RSE

ARNON DE MELLO  
Senador da República

RESPOSTA  
AO SENADOR  
EDWARD  
KENNEDY

Serviços Gráficos GAZETA DE ALAGOAS  
Maceió — Alagoas